

Tennessee Williams e a Censura em Portugal (1956-1972)

por Eugénia Vasques¹

1. O encontro entre o universo dramático de TW e o público português dar-se-á somente em meados dos anos 50. O cinema foi, contudo, no nosso país como em outros, a grande e indirecta porta de entrada para o polémico dramaturgo que escolheu a mediação do símbolo e da poesia, “embrulhados” num realismo “de americana violência” (como lhe chama um censor, imitando uma expressão de Luís de Sttau Monteiro), para reflectir, com uma sensibilidade educada pela grande poesia, sobre os problemas mais íntimos e indizíveis em sociedades tão marcadas pelo puritanismo e hipocrisia como o eram, mesmo depois da abertura operada nas mentalidades pela II Grande Guerra, as sociedades americana e europeia e, dentro desta, a nossa.

A 7 de Março de **1952**, estreava no Cinema Monumental o filme *Algemas de Cristal* (est. filme *The Glass Menagerie*, EUA, 1950). Quatro anos depois, a 12 de Abril de 1956 estreava, igualmente em Lisboa, mas desta vez no Cinema S. Jorge, o filme (de 1955) com Anna Magnani e Burt Lancaster, *A Rosa Tatuada*, título de uma peça que seria imediatamente traduzida por Eurico da Costa e Manuel Pina, e publicada pela editora Europa-América², uma editora fundada em 1945 por Francisco Lyon de Castro (24/10/1914-11/4/2004), um perseguido activista que fora militante do PCP (1933-1939) e sofrera prisões e tortura.

Alguns meses depois, já em **1957**, a Companhia brasileira de Maria Della Costa apresenta entre nós esta mesma peça, *Rosa Tatuada*, integrada num repertório de grande categoria, que entusiasmou algum público e agitou todas as censuras.

2. Será, contudo, preciso aguardar mais dois anos (1959) para que cheguem ao departamento da Presidência do Conselho, entidade responsável pela Comissão de Exame e Classificação dos Espectáculos³, vulgo Censura, os primeiros pedidos de autorização de representação de peças de teatro da autoria de TW.

O primeiro pedido de autorização documentado no espólio que resta desta Comissão, e que está patente no Instituto dos Arquivos Nacionais Torre do Tombo (IANTT), diz respeito a *O Jardim Zoológico de Vidro*⁴, numa adaptação de Correia Alves, para ser representada nos festejos da Queima das Fitas do Porto. Não encontro qualquer referência à opinião dos censores, a não ser a resolução de autorização sem qualquer fundamento anexado (proc. 5828).

O pedido seguinte tem mais história e dele restaram documentos comprovativos. Trata-se agora de um pedido do teatro profissional relativo à peça *Gata em Telhado de Zinco Quente* com versão fílmica de 1958, e se oferecia como excelente cartaz para a Companhia liderada pela vedeta popular Laura Alves. O pedido de autorização foi entregue, na Inspeção a **7/8/1959**, pela Empresa Espectáculos Vasco Morgado, Lda, com assinatura do seu director artístico, justamente o empresário Vasco Morgado (proc. 5888).

¹ Professora Coordenadora na Escola Superior de Teatro e Cinema, Instituto Politécnico de Lisboa.

² Colecção Europa-América.

³ A Inspeção dos Espectáculos, mais tarde, Direcção Geral dos Espectáculos era um serviço integrado no Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo/SNI.

⁴ Filme estreado nos EUA em 1950.

O espectáculo, baseado numa adaptação de Sérgio Guimarães – texto que, como outros deste tempo de muita Censura e pouco inglês, seria necessário estudar para avaliar **QUE Tennessee Williams** era dado a conhecer ao público de então --, foi à cena, “para maiores de 17 anos” após a realização de vários cortes, estreando a 17? de Out. desse ano de 1959, no Teatro Monumental, com encenação do anglófilo António Pedro e cenografia de Pinto de Campos, ostentando um elenco em que figuravam, para além de Laura Alves -- que estrelava no papel titular, celebrizado, já, no cinema, por Elizabeth Taylor --, os actores Paulo Renato (inteligente e subtil distribuição, qualquer que tenha sido o resultado artístico), João Guedes, Brunilde Júdice, Susana Prado, Rui de Carvalho, Alberto Ghira e Alves da Costa. A crítica de Urbano Tavares Rodrigues não é entusiasta: apesar do virtuosismo e do “esforço sempre inteligente de António Pedro”, o espectáculo não logrou “um nível de representação à altura” (cf. *Noites de Teatro*, ?, pp. 201-206). A “altura” a que o crítico se refere será, a um tempo, a da qualidade do dramaturgo e da peça (que o crítico apresenta conscienciosamente na sua crítica mais dramática do que espectacular, como era então prática dos críticos cultos) e a fasquia imaginária traçada pelo filme homónimo.

Destaco, de entre os comentários dos censores⁵, o seguinte e sugestivo parecer (rubricado por Luiz Terry) que, como se afirma noutro documento, vem reforçar “as instruções dadas. . . ao actor Carlos Wallenstein”, ensaiador da peça”: “A cena em que Maggie despe lentamente as meias, sentada no canapé ao mesmo tempo que levanta a combinação de uma forma inconveniente não deve ser representada de frente para o público, até porque não é o público que ela pretende seduzir, mas sim o marido.” (sublinhado meu)

3. Corria o ano de 1961, ano de início da trágica Guerra Colonial, quando a Sociedade de Instrução Guilherme Cossoul, na pessoa do representante da Direcção, José Oliveira, pede autorização (a 29 de Março) para incluir na sua programação a pequena peça em 1 acto “Saudades da Berta”⁶, na tradução, já publicada⁷, de Luís Francisco Rebello (proc. 6375). A peça é liminar e rapidamente proibida (13/4). Do relatório do censor (Alambre dos Santos), consta a seguinte análise eivada de interessantes preconceitos teatrais, atenta análise e até com marcas de ironia:

Num quarto duma casa de prostituição Berta chega ao último degrau da miséria e da doença. Mentalmente transtornada não sabe que fazer nem para onde ir. Tudo o que pretende é descansar, continuar deitada naquela cama onde jaz há alguns dias, antes de voltar para o trabalho. A acção limita-se ao diálogo travado com outras senhoras do mesmo meio: Goldie e Lena.

A peça, em 1 acto, termina bruscamente (no presente original parece mesmo estar incompleta). É difícil, e neste momento desnecessário, discorrer sobre tão educativa obra de Tennessee Williams, traduzida pelo ilustre comediógrafo Luís Francisco Rebelo, e que a Sociedade de Instrução Guilherme Cossoul pretende levar à cena.

Reprova-se.

10-IV-61

Alambre dos Santos

⁵ Presentes no ensaio de 14/10, estiveram os censores “Drs. Luiz Terry, Simão Gonçalves e Alves Pereira”.

⁶ Publicada na antologia *27 Wagons full of Cotton and Other One-Act Plays*, 1945.

⁷ Cf. *O Teatro Moderno*, pp. 303-307.

4. As emissões regulares da RTP iniciaram-se, entre nós, como se sabe, a 7 de Março de 1957. De acordo com os documentos existentes na Torre do Tombo, também a RTP solicitará várias autorizações para apresentar textos de teatro que, como recorde, trabalhados para aquele meio de comunicação de massas, tinham enorme aceitação do público. O primeiro pedido que encontro é de 1962 e apresenta uma versão de "Uma Carta de Amor de Lord Byron", peça em 1 acto aparentemente inóqua, com adaptação, a traço grosso⁸ do mesmo Correia Alves (proc. 6746) que já em 1959, como dissemos acima, apresentara pedido de autorização para *O Jardim Zoológico de Vidro*. O guião de "Uma Carta de Amor" (título inicial a que, manuscritamente foi acrescentado "de Lord Byron", que inclui introdutórias indicações de realização, é "ap[rovado] para todos". Três anos depois, em 1965, o mesmo *O Jardim Zoológico de Vidro*, com tradução do mesmo Correia Alves, é novamente aprovada pelos censores (17/2) para apresentação na Radiotelevisão Portuguesa. (proc. 5521). Estes processos contêm as versões dos textos da autoria de Correia Alves que seria muito interessante analisar e contextualizar, quer em termos estritamente dramaturgicos quer, e talvez sobretudo, em termos de linguagem televisiva, o meio mais importante, depois da Rádio, para divulgar "cultura" mas, com ela, também um ideário e um gosto mediado pela ideologia dominante.

5. Sobre *Um Eléctrico Chamado Desejo* -- peça adaptada ao cinema em 1951 e que esteve no Cinema Monumental a partir de 14 de Novembro de 1952 --, cuja tradução para português, assinada por António Quadros (filho de António Ferro e Fernanda de Castro); serviu de base ao espectáculo da Companhia Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro, estreado a 3/5/1963 no Teatro Nacional D. Maria II, não encontrei, até ao momento, neste espólio, qualquer traço de processo. Foram protagonistas Mariana Rey-Monteiro, Varela Silva, José de Castro e Lourdes Norberto e a encenação foi assinada por Henriette Morineau.

6. O processo seguinte que figura no espólio diz respeito à peça em 4 cenas *Bruscamente no Verão Passado*, com pedido de autorização apresentado a 17/2 de 1965 pelo Clube do Pessoal da Firma Lever (proc. 7758). O filme, de 1959, fora já distribuído em Portugal e exibido no Cinema Tivoli, assim como também já fora publicada, igualmente em 1964, a tradução de Rui Guedes da Silva, pela Editorial Presença⁹ que é justamente a tradução que é proposta a escrutínio no projecto de espectáculo. Contudo, apesar de parecer ser uma garantia prévia o facto de a tradução ter sido já publicada, os censores proibem liminarmente a apresentação da peça, revelando, deste passo, a diferença que estabeleciam entre a leitura – exígua, num país de grande taxa de analfabetismo – e o teatro, veículo muito mais "perigoso" e acessível!

Do processo, constam duas decisões, muito significativas apesar do seu laconismo e nenhuma preocupação em justificar o aparente paradoxo. Diz a primeira: "Eliminar da peça todas as situações que sugiram ou indiquem directamente a pedrastia (sic). Não sendo possível, o que me parece improvável também que se consiga, pronuncio-me pela reprovação desta peça. Ruy de [ilegível] 3. 3. 65" O segundo parecer corrobora a reprovação nestes termos: "Entendo que a peça não é de autorizar. Além do aspecto focado pelo meu Exmo Colega toda a peça decorre num ambiente estranho, dificilmente compreensível. Por outro lado nenhuns aspectos positivos encontro na peça que possam recomendar a sua representação [ilegível] C. A. T.

23.3.65

[Assinatura ilegível]"

⁸ Veja-se a tradução do nome das personagens: a Velha, a Solteirona, a Matrona, o Marido da Matrona.

⁹ Colecção Presença, n.º 28.

7. Processo bem mais demorado (um ano) é o do pedido de apreciação pela Comissão de Exame e Classificação de Espectáculos apresentado pelo Gerente da TEBO – Teatros de Bolso, Lda, Galvão Sequeira, com data de 2 de Julho de 1965, relativo à peça em 2 actos *Fumo de Verão* (cuja versão em filme datava de 1961), na qual, informa, estarem interessados “para a programação do Teatro Villaret” (proc. 7889).

Uma vez mais, a tradução já tinha sido aprovada para prévia publicação, em 1962, nas perseguidas Publicações Europa-América¹⁰, com tradução do polémico Luís de Sttau Monteiro.

Vale a pena referir umas ainda que muito breves palavras sobre esta tradução e o seu autor. Luís de Sttau Monteiro (Lx 1926-1993) era, nesse ano de 1965, tal como a editora Europa-América, uma *persona non grata* para o regime. Para além das suas ideias revolucionárias, era um *play boy* de boas famílias, com mundo, casado com uma mulher de língua inglesa, língua e cultura que dominava ao contrário do que era então a prática intelectual, enfeudados que ainda estávamos à cultura francófone. Leitor dos autores proibidos em Portugal, a cujas obras tinha acesso, como é o caso de Brecht, era já um reconhecido, censurado e proibido dramaturgo (*Felizmente Há Luar*, 1961; *Todos os Anos pela Primavera*, 1961, *O Barão*, desse ano de 1965) para além de romancista publicado no Reino Unido e nos Estados Unidos.

Não sei se pertencia ou pertencera ao Partido Comunista mas, a “Nota do Tradutor” que antepõe à sua tradução de *Fumo de Verão* revela uma antipatia ideológica por Tennessee Williams e pela cultura americana que fica bem patente no seguinte passo:

...

O Dr. João [John Buchanan Jr.], como personagem, exemplifica bem o que de início deste comentário disse do teatro deste dramaturgo. Trata-se de um «jovem zangado» à Tennessee, que se considera na obrigação de mostrar a sua zanga com uma violência que o teatro americano já não dispensaria sem grave risco para a reputação do autor. Exibe-se no palco à nossa frente, desdobra-se em explicações mais ou menos filosóficas e... acaba por se resignar aos padrões que tanto o tinham revoltado. Contra quem poderia ele revoltar-se, na verdade, se falta a todo o teatro de Tennessee uma concepção da sociedade que forneça um alvo para a revolta e para a violência das suas personagens?

...

Já disse que – em meu entender, e sempre em meu entender – o teatro de Tennessee é um teatro de impotência e que essa impotência tem raízes na própria vida americana. Inútil será dizer que um dia as personagens de teatro americano vão tomar consciência de que a sua violência pode ser dirigida e orientada de forma que os mundos imaginários deixem de ser a única solução possível para os homens (s/p)

Mas é esta a tradução que é apresentada, “suicidariamente”, em dois exemplares (de que resta um no arquivo), no processo com o registo nº 7889.

¹⁰ Colecção Os Livros das Três Abelhas, nº 44.

O processo já com novo tradutor (Costa Ferreira), como veremos a seguir, será aprovado, a 2 de Agosto de 1965, limitadamente, como “Espectáculo para Adultos (maiores de 17 anos)”, com “eliminação das falas assinaladas a pps 97, 98 e 99 e de toda a cena XII (também assinalada de pg 128 a 132. 28.7.1965 [rubricas ilegíveis]”. As decisões propostas são as seguintes:

O que Tennessee Williams põe em cena, no seu estilo de americana violência, o problema, tantas vezes debatido na literatura, da luta entre o espírito e a carne. Entendo dever dar o meu voto de aprovação, considerando:

-- tratar-se de bom teatro;

-- não me parecer, embora possa haver opinião diversa, dissolvente ou derrotista;

-- já ter sido aprovado filme com o mesmo argumento.

Receio, contudo, que esta opinião pessoal não corresponda à opinião geral da Comissão. Tratando-se de peça de responsabilidade, a levar à cena em Lisboa, propuz, em reunião desta data, que fosse lida por outros colegas antes da decisão final.

14 de Julho 965

M. Alambre Santos

A segunda decisão reza assim:

Não considero esta peça pior que outras do mesmo autor que tem sido representadas. Entendo por isso que poderá ser aprovada.

Gostaria contudo que lhe fossem efectuados os dois pequenos cortes assinalados a pg 98 e 99 e que fosse eliminada a cena XII (última) que entendo ser uma dura e dispensável concretização daquilo que “falas” anteriores já deixavam claramente antever.

20. 7. 1965

[rubrica ilegível]

O último parecer antes da emissão de aprovação com cortes:

Concordo com aprovação para 17. Com cortes supra indicados e mais os por mim indicados a vermelho nas mesmas páginas [e?] na página 97.

Lisboa, 27-7-65

[assinatura ilegível]

8. Com data de 1966, volvido pois um ano, quase mês por mês do primeiro pedido, surgira, já com o título “Verão e Fumo” e novo n.º de registo (proc. 8 916 ou 8196, como referem os autos), um novo processo de pedido de decisão relativo à tal nova versão de Costa Ferreira que fora entretanto – em passos do processo que ainda não encontrei -- “aprovada e classificada para maiores de 17 anos” (requerimento de 20 de Outubro de 1966).

Neste novo requerimento, o mesmo Galvão Sequeira – agora assinando pela gerência da CêPêCê – a Companhia Portuguesa de Comediantes, Lda, dirigida pelo músico francês Alain Oulman e cujo lema era “bons actores fazendo bom teatro”¹¹ --, vem solicitar

¹¹ Cf. Eunice Muñoz: *50 Anos da Vida de uma Actriz*, p. 62.

renovada “apreciação e regularização” em virtude de essa versão já autorizada ter, entretanto, “sofrido algumas alterações e cortes técnicos” [por parte da Companhia sediada no teatro de Raul Solnado].

A empresa solicita ao Presidente da Comissão, uma vez mais, a 24 de Outubro, “a subida finesa de interceder no sentido de ser levantado o corte da cena final daquela peça, ficando ao critério dessa Exma comissão a resolução final após o ensaio de apuro. . . “. Em resultado desta nova diligência, “a Comissão delibera levantar o corte da cena final” (Informação de 26-10-66), mas acrescentando cautelosamente: “Como já foi dito ainda há a considerar a hipótese de cortes no ensaio geral.” Este “ensaio de apuro” tem lugar no dia 27 de Outubro e os novos relatórios não acrescentam pareceres novos dos censores presentes (“Drs. A. Pereira, A. Santos, J. Cabral”).

O espectáculo do Teatro Villaret teve encenação do brasileiro João Bettencourt, cenografia e figurinos de Paulo Guilherme e chapéus – o que é informação reveladora -- de: Albertina Meireles. Eunice Muñoz obtém pelo seu papel de Alma Winemiller o Prémio da Imprensa para Melhor Actriz de Teatro Declamado de 1966. O actor José de Castro, num espectáculo que a crítica considerou de grande qualidade mas desigual plasticamente, e que só ficou em cena 17 dias por desentendimentos com a empresa¹², interpretava o papel de João Buchanan Jr.

9. O penúltimo documento que encontrei no espólio da Torre do Tombo é um pedido de autorização para a representação, na temporada 1966-67, de *A Noite de Iguana* pelo Grupo Cénico C.A.T. nº 327 - Centro Cultural e Recreativos dos Empregados e Operários da Sociedade Central de Cervejas SARL (proc. 8306). O filme homónimo datava de 1964, e a primeira tradução para português havia já sido publicada pela Europa-América.

Na página de rosto da Informação, vem, manuscrita, a anotação seguinte: “Os cortes a vermelho foram efectuados pelos interessados.” [rubrica ilegível].

A Comissão é aqui constituída apenas por dois censores cujos pareceres determinam a reprovação da peça “pelo que a mesma não pode ser representada em Portugal Continental e Ilhas Adjacentes.” (comunicação do Inspector-Chefe datada de 5/1/1967). Atentemos cuidadosamente no teor dos pareceres que fundamentam a decisão de reprovação:

Trata-se de uma peça em que se analisa o tema do espírito nas suas relações com o sexo, apresentando-se este como uma força que o homem só muito dificilmente consegue dominar. Pretende demonstrar-se a ausência de fundamento da reprovação ou censura dos que pecam em razão do sexo, aberrativos incluídos, os quais devem antes merecer humana compreensão.

O Tema é tratado por forma violenta e o estudo psicológico das personagens – um pastor protestante herético, estuprador de menores e dominado por complexos de revolta contra a mãe e contra Deus, complexos ligados à sua sensualidade, uma ninfomaniaca, amante daquele, uma solteirona amorosamente frustrada e um [psitocista?] esótico [sic] – é dado em termos de um realismo verdadeiramente chocante. Em suma, uma peça de anormais sexuais para anormais sexuais, cuja representação, pelo que se deixa exposto, não deve ser autorizada.

[local ilegível] 14/XII/66

[rubrica ilegível]

¹² Cf. idem, p. 64.

De acordo com a opinião do ilustre colega. Embora, teoricamente, se pudessem fazer cortes que atenuassem os inconvenientes, parece-me impossível, na prática, fazê-los e, sobretudo verificá-los.

Lisboa, 28-12-66 [rubrica ilegível]

10. O processo de 1969 relativo ao pedido para a representação da peça em 2 actos de Tennessee Williams "A Descida de Orfeu" (com versão cinematográfica de 1960), na tradução de Edurisa Filho, é endereçado pelo jovem Teatro Experimental de Cascais/TEC (proc. 8943). A peça é aprovada com cortes, mas só para adultos, maiores de 17 anos.

Encontro-me a trabalhar, presentemente, neste processo, que contém alguns pareceres dos censores, bem como no último desta série de aprovações e reprovações de textos dramáticos de Tennessee Williams antes do 25 de Abril de 1974, este último já com data de 1972, onde se proíbe, taxativamente, ao TEC a representação de "Doce Pássaro de Juventude"¹³, na versão francesa de Françoise Sagan ("Le doux oiseau de la jeunesse") (proc. 9479). A Companhia de Cascais representará, finalmente, a peça mais de trinta anos depois de proibida¹⁴, numa atitude de homenagem à memória que é a coroa de glória dos seus merecidos quarenta anos de existência!

Colares, 20 de Maio de 2007

¹³ Com versão cinematográfica de 1962.

¹⁴ O espectáculo do TEC teve tradução de Maria João da Rocha Afonso, com interpretação de Anna Paula, Luiz Rizo, Madalena Bobone, Paulo Rocha, Teresa Corte-Real, Fernanda Neves, Carla Garcia, Sara Prata e Pedro Caeiro.